

# Sesc<sup>tv</sup>

EDIÇÃO N.117 / DEZEMBRO DE 2016



FESTIVAL BATUQUE  
**O RECONHECIMENTO  
CULTURAL DA  
MÚSICA NEGRA**

ENTREVISTA  
BNEGÃO, UM OBJETO  
SONORO NÃO IDENTIFICADO

DOCUMENTÁRIO  
A FAMÍLIA DAS CORDAS CONTA  
A ORIGEM DE SEUS INSTRUMENTOS

# Sala de Cinema

Quintas, às 23h



Assista online:  
[sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)



/SECTV

## índice

### DESTAQUES

- 4 Os tons da música negra
- 6 Quando o arco encontra as cordas
- 7 Além da Fronteira
- 7 Inspirações vindas do espaço

### ENTREVISTA

- 8 BNegão: Objeto sonoro não identificado

### ARTIGO

- 12 “Do *Homo Sapiens* ao *Homo Videns*”  
por Carlos Juliano Barros

### ÚLTIMO BLOCO

- 14 Neste mês



### capa

Negra!

Arte: Anderson Vicentini

## editorial

# Herança musical

**Danilo Santos de Miranda**

Diretor Regional do Sesc São Paulo

Em tempos de manifestações de intolerância e preconceito racial, é oportuno entendermos e acentuarmos a importância da herança africana e a contribuição do negro para a formação das sociedades americanas, em especial da brasileira. Apesar da violência histórica sofrida pela comunidade negra, sua criatividade presenteou o mundo com expressões culturais que foram vitais para o desenvolvimento das artes. No ventre negro, por exemplo, foram gerados o jazz, o blues, o *rock and roll*, o rap e tantos outros estilos.

Para destacar a atual produção de artistas negros, o SescTV exibe este mês shows de importantes nomes da *black music* nacional e internacional, gravados durante a sexta edição do Festival Batuque, em 2015, realizado no Sesc Santo André, na capital paulista. Nomes como BNegão & Seletores de Frequência, RZO, Space Charanga e o norte-americano Joey Bada\$\$ compõem a programação.

O canal também exibe a história do violino, da viola, do violoncelo e do contrabaixo, contada por meio de entrevistas e comentários do crítico João Marcos Coelho, no documentário *A Família das Cordas*. A série Instrumental Sesc Brasil mostra as potencialidades do instrumento *hang drum*, principal elemento da banda brasileira Palindrum. No episódio *Além da Fronteira*, da série Caminhos, a travessia de um garoto boliviano que viaja todos os dias ao Brasil para estudar.

A **Revista do SescTV** traz entrevista com BNegão, que fala sobre sua relação com a arte. O artigo do jornalista e documentarista Carlos Juliano Barros discute direitos humanos e a influência do audiovisual na sociedade contemporânea. Boa leitura! ●

# Os tons da música negra

Muito além da expressão dos desejos e necessidades de uma população historicamente discriminada, a *black music* reclama espaço e respeito para a cultura negra na sociedade



BNegão & Os Seletores de Frequência, Festival Batuque 2015

A presença de escravos africanos na colonização violenta das Américas pelos europeus resultou não apenas na miscigenação de raças, mas de culturas. As canções entoadas por escravos nas lavouras e senzalas eram a maneira que tinham de recordar sua origem, manter vivos os hábitos de seus povos e reforçar a ligação com sua terra natal. Assim surgiram os cantos de trabalho nas fazendas do sul dos Estados Unidos e por todo o território brasileiro,

em cafezais, canaviais e campos de mineração.

Nos Estados Unidos, esse tipo de música era conhecido como *race music*, ou música de raça. Após a libertação dos escravos no país, em 1863, os negros permaneceram à margem da sociedade. Mas em seus guetos puderam livremente cultivar sua música e desenvolvê-la, até que, no início do século XX, ela se expandiu e frutificou em estilos que ganharam o mundo. Gospel, jazz, blues, rock, soul, funk e rap são

## FESTIVAL BATUQUE REFORÇA O POTENCIAL DA MÚSICA A NEGRA NACIONAL E INTERNACIONAL



FOTO: DIVULGAÇÃO

exemplos de frutos da *black music*, batizada assim pela revista Billboard nos anos 1940.

No Brasil, a herança africana possibilitou experimentações sonoras, dando outras tonalidades à música negra com a criação de vários gêneros, entre os quais o mais representativo é o samba. Aqui, a cultura afro se misturou naturalmente a outras representações musicais, emprestando suas batidas e ritmos à música brasileira.

Na última década, diversos festivais surgiram com o propósito de apresentar ao público importantes vozes da *black music*. Entre eles, está o Festival Batuque, criado em 2010, no Sesc Santo André, no ABC paulista. Em seis edições, o evento anual já contou com apresentações de Femi Kuti – músico nigeriano, filho mais velho do pioneiro do afrobeat, Fela Kuti –, Erykah Badu, Anelis Assumpção, Criolo, Bixiga 70, Nação Zumbi, Céu, Tássia Reis e Elo da Corrente.

“É um festival do coração. Vim várias vezes do Rio só pra ver, pra curtir. É muito bom tocar aqui. São vários irmãos”, comenta BNegão. O artista se apresentou com sua banda BNegão & Os Seletores de Frequência na edição de 2015. Seu álbum mais recente, *Transmutação*, transcende o rap e parte da música negra universal. “Essa coisa da percussão, eu queria fazer desde o início da banda. Sempre achei que nossos discos ficavam devendo nesse quesito”, explica o músico, que acrescenta: “os tambores ajudam realmente a comunicar, porque colocam a energia no lugar antes de chegar a palavra”.

O Festival Batuque 2015 contou ainda com o grupo de hip hop paulistano RZO. Negra Li, assim como os outros integrantes da Rapaziada da Zona Oeste, tem carreira solo, mas dedica atenção especial ao RZO porque reconhece a importância dele em sua trajetória. “Quando eu tô no palco, eu nem sei como fico direito porque eu fecho os olhos, danço e começo a viver e reviver tudo o que passei: o começo quando ganhava vinte contos de cachê, quando ia a pé de Brasilândia para Pirituba pra ensaiar, quando não tinha Youtube, nem roupa pra vestir e usava as roupas dos meus irmãos”, conta a cantora.

As bandas Space Charanga, Mental Abstrato, Beatwise Recordings, o rapper brasileiro Rodrigo Ogi e o americano Joey Bada\$\$, um dos expoentes da nova geração da *black music*, também se apresentaram na última edição do festival, cujos shows inéditos são exibidos este mês no SescTV. ●



**SPACE CHARANGA, MENTAL ABSTRATO, BEATWISE RECORDINGS E RODRIGO OGI, DIA 14, 22H**

Direção: Daniel Pereira  
Classificação: 10 anos

**JOEY BADA\$\$, DIA 21, 22H**

Direção: Daniel Pereira  
Classificação: 12 anos

**BNegão & OS SELETORES DE FREQUÊNCIA E RZO, DIA 28, 22H**

Direção: Daniel Pereira  
Classificação: 10 anos



Assista ao teaser dos shows:





FOTO: WILLIAM MICHAEL HARNETT. THE OLD VIOLIN, 1886

## Quando o arco encontra as cordas

A origem dos instrumentos de cordas e suas variações ao longo do tempo são tema do documentário *A Família das Cordas*

Viola, violino, violoncelo e contrabaixo trafegam com desenvoltura pela música popular e erudita, em diferentes gêneros musicais, desde sua criação. “Estes exercícios de liberdade musical comprovam que não há fronteiras quando a música é de qualidade”, comenta o jornalista e crítico musical João Marcos Coelho. Para ele, a família das cordas é a prova viva de que novos mundos sonoros se descobrem toda vez que o arco se encontra com as cordas.

Comuns na Grécia e Roma antigas, esses instrumentos foram responsáveis pelo surgimento das primeiras orquestras sinfônicas no século XVIII, sendo até hoje maioria no corpo sinfônico. Do

total de cem instrumentos que compõem, em média, uma orquestra moderna, ao menos 65 são de cordas.

O responsável por consolidar o violino na música erudita foi o italiano Antonio Lucio Vivaldi. O húngaro Bela Bartók e o escocês William Primrose foram grandes compositores para viola, que na orquestra é tocada com o auxílio do arco, assim como o violoncelo, cujo principal expoente foi o alemão Johann Sebastian Bach. O contrabaixo foi introduzido na orquestra pelo italiano Domenico Dragonetti. A história desses instrumentos é abordada no documentário *A Família das Cordas*. A produção traz entrevistas, curiosidades e trechos de obras executados por músicos clássicos e contemporâneos. ●



**A FAMÍLIA  
DAS CORDAS,  
DIA 16, 20H**

Direção: Marcelo  
Machado.  
Classificação: Livre.

FOTO: DIVULGAÇÃO



## Além da Fronteira

**DIA 10, 20H.** Caminhos. Direção: Heloisa Passos. Classificação: Livre.

┌  
└

Todos os dias, milhares de crianças e jovens percorrem seus caminhos para ir à escola. Os trajetos nem sempre são simples, com obstáculos driblados por esses jovens que desejam o acesso à educação. Fabrício Alaro Huayta tem 10 anos e mora em Puerto Quijarro, na Bolívia. Desde pequeno, cruza diariamente a fronteira com o Brasil e viaja até Corumbá, no Mato Grosso do Sul, para estudar. Filho de pastor evangélico e de dona de casa, ele acorda cedo, toma café com a família e se prepara para a viagem na van que leva crianças bolivianas até o colégio brasileiro Moinho Cultural Sul-Americano, que, em sua didática, mescla a cultura de ambos os países. “Eu senti muitas diferenças entre a Bolívia e o Brasil”, comenta Fabrício. Ele não é o único em sua família a estudar em outro país. Seu irmão mais velho estuda Psicologia e Teologia na Argentina. Já a irmã mais nova, de seis anos, com quem o garoto adora brincar nas horas vagas, sabe que seu destino será o mesmo do irmão. “Minha mãe exige que eu ensine minha irmã a falar português, mas eu, por timidez ou vergonha, não falo muito”, conta Fabrício que sonha ser psicólogo e sabe da importância do estudo em sua vida. “Eu gosto de estudar na escola para seguir em frente.” ●

FOTO: DIVULGAÇÃO



## Inspirações vindas do espaço

**DIA 11, 21H.** Instrumental Sesc Brasil e Passagem de Som. Direção: Direção: Max Alvim. Classificação: 10 anos.

┌  
└

“Quero fazer uma música que impacte as pessoas de uma forma que elas não esperem”. Este foi o principal estímulo do compositor, maestro e diretor musical Dyonisio Moreno para reunir diferentes sonoridades e formar o quarteto composto por seu filho percussionista Daniel Moreno, o baterista Alex Reis, a pianista Helena Venturelli e a violoncelista Denise Ferrari. Encantado pelo instrumento suíço *hang drum*, que conheceu pelas ruas de Barcelona, o músico resolveu criar uma banda que explorasse todas suas potencialidades. Com um formato semelhante a um óvni, o instrumento idiófono, cujo som é produzido a partir de seu próprio corpo, é o coração das composições da banda, que navega entre diferentes estilos brasileiros, música experimental, jazz e rock progressivo. Os músicos também são pesquisadores de assuntos ocultos e místicos. No episódio da série *Passagem de Som*, visitam a caverna no Vale do Rio Tietê, em Itu (SP). Segundo Dyonisio, “Caverna, centro da terra ou mesmo interiorização pessoal têm tudo a ver com a filosofia do grupo Palindrum”. A banda apresenta seu show inédito no *Instrumental Sesc Brasil*, com repertório inspirado na ufoarqueologia, que investiga a presença de extraterrestres na Terra antes do surgimento da espécie humana. ●

## **BNEGÃO. MÚSICO E PRODUTOR.**

Histórias de um artista movido pela música, em defesa da liberdade de expressão

# Objeto sonoro não identificado

Bernardo sempre gostou de música, mas nunca imaginou que pudesse viver disso. Pensou em ser desenhista ou veterinário, mas a música acabou sendo mais forte, questão de necessidade de expressão. Fã de Michael Jackson, cantava e dançava ao som do ídolo que abriu o campo para o *break* no Brasil, e para várias outras coisas, como a dança de rua. Se apaixonou pela estética do hip hop e pela agressividade do punk rock. Ouvia Inocentes, Ratos de Porão, Public Enemy e sentia com eles a necessidade de falar diretamente às pessoas. Acompanhou o surgimento do rap no país e dividiu por anos os vocais com Marcelo D2 no grupo de rap rock Planet Hemp. Desde 2001, segue nos palcos com a banda BNegão & Seletores de Frequência, misturando rap, hardcore, dub e funk, com letras imersas em crítica social. O garoto que nunca imaginou que pudesse viver de música, hoje vive de sua arte. Foi um dos artistas convidados para representar o Brasil no encerramento dos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012, e é considerado um importante nome do hip hop nacional.

### **Quando descobriu que queria ser artista?**

Eu não me considero artista até hoje. Sou um cara que gosta de música e se expressa através dela. Na verdade, eu nem sabia que era possível viver de música. Eu me joguei nesse caminho porque tinha a necessidade brutal de fazer isso e foi mais forte que todo o resto. Na época, briguei com toda minha família que achava que eu era insano, um camicase. E não é que deu certo? Eu vivo de música desde 1995 e hoje sustento uma galera. Trabalho com música, mas não me considero nem músico nem artista. Sou tipo um objeto sonoro não identificado.

### **Você chegou a estudar música?**

Tentei estudar, mas não deu certo. Entrei quatro vezes na escola de música e só consegui ganhar amigos. Até hoje, tenho vários amigos e professores dessas escolas. Eu era bom apenas na aula de percepção, todo o resto era um fiasco.

### **De onde surgiu BNegão?**

Esse nome surgiu quando comecei a frequentar uma turma de amigos em que já tinha um Bernardo. Sempre que alguém chamava o nome, os dois olhavam. Aí, nos dividiram entre o BBrancão e o BNegão. Quando entrei para o Planet Hemp, eu precisei de um nome. Marcelo e Bernardo, para grupo de rap, não tinha como pegar. Como o Marcelo já tinha descolado o D2, eu decidi usar o BNegão mesmo, um apelido que ficou.

### **Como foi o início da sua carreira?**

Meu pai já tinha desencarnado e eu estava numa situação financeira sinistra. Minha família me condenava questionando por que eu queria trabalhar com música. O bicho estava pegando. Mas eu falei “Cara, é isso que quero fazer mesmo”, e funcionou. Era tipo horizonte zero, mesmo fazendo parte de uma geração que fez acontecer nos anos 1990. A gente fez porque tinha uma força de vontade grande. Não tinha mercado, não sabia como ia ser o dia de amanhã, se ia ter comida. Na época, eu não tinha dinheiro pra pegar ônibus. A gente trabalhou pra caramba e, quando rolou, foi uma surpresa. Não foi nada fácil. A gente não tinha nada muito planejado, não existia internet, *Youtube*. Naquela época, nosso negócio era juntar grana o ano inteiro para gravar uma fita cassete demo num estúdio furreco.





**RAIO-X**  
**BERNARDO**  
**SANTOS GOMES,**  
**RIO DE JANEIRO (RJ)**

**Formação**  
Autodidata

**Alguns trabalhos**

- Correndo Atrás (2017)
- Rio 50 Graus (2014)
- Amarelo Manga (2002)



**“A música funciona  
como a trilha sonora  
da vida”**



**“A arte tem que ser livre. Sou a favor da liberdade geral. Se a pessoa quer falar de um barquinho, de um pato, que fale. Eu entrei na música por causa disso, por causa da letra, para me expressar.”**

**“Minhas influências hoje estão na cena do som digital com batuque e no afrofuturismo, porque ele aponta para o presente, o passado e o futuro, o que acho fundamental”**

»»

### **O que a música representa para você?**

A música para mim é oxigênio, vida e possibilidade de transformação. Minha vida toda foi transformada através da música. Independente de eu produzir ou não, ela sempre foi o que me moveu. Antes mesmo de eu começar e saber que podia fazer música, ela fazia a diferença. A música tem disso, ela nos leva a lugares de todos os jeitos, mental e fisicamente. Eu vejo isso direto. Outro dia, conversava com um camarada da banda que chegou no ensaio boladão porque o pai estava com problemas de saúde. Depois de uma hora tocando, ele já estava bem. A música tem esse poder. Ela tem essa parada clássica mesmo de ser trilha sonora da minha vida porque eu amo música de qualquer jeito.

### **Existe função política na música e na arte?**

A arte tem que ser livre. Sou a favor da liberdade geral. Se a pessoa quer falar de um barquinho, de um pato, que fale. Eu entrei na música por causa disso, por causa da letra, para me expressar. A liberdade tem que ser real. Vejo muito uma galera propondo liberdade, mas dizendo que isso ou aquilo não pode. Cada um decide o quer fazer, a expressão é da pessoa e ninguém pode ditar regra. Minha primeira letra foi sobre a polícia, a segunda sobre prostituição falida. Venho de uma família de luta política, de ativistas contra a ditadura militar. Nasci nesse circuito. Então, pra mim, é natural querer falar a real. Na época, tudo se falava na base da metáfora. Por isso, sinto necessidade dessa parada de dizer é isso, é aquilo.

**Nosso seu trabalho, você mistura diversos elementos, como o funk, o rap e o punk, com as batidas da música negra. Qual a importân-**

### **cia da música negra na cultura brasileira?**

O Brasil se formou através de uma mistura de povos: os nativos originais, que nós chamamos de índio, os africanos e os europeus. É um *blend* maluco, onde todos têm importância. Nessa mistura, a cultura negra é fundamental, não só aqui, mas em toda a América. A música negra é universal, é a base que está em todo canto.

### **Você acompanha a nova safra de artistas negros?**

Para mim a maior banda brasileira atualmente é a Baiana System, de Salvador. Eles estão fazendo um som único, que é um som só deles. Dou muito valor a isso, aos inventores. Eu ouço Tom Zé, por exemplo, e sei que é Tom Zé. Ouço os “Baiana”, e sei que são eles. Gosto bastante também da Tássia Reis, que arreventou no último disco. Gosto do Síntese, que vem lá do interior de São Paulo e é um dos caras mais importantes do rap brasileiro, com as letras mais fortes do rap atual; ele gravou com o Criolo neste último álbum.

### **Quais são suas influências musicais atuais?**

Minhas influências hoje estão na cena do som digital com batuque e no afrofuturismo, porque ele aponta para o presente, o passado e o futuro, o que acho fundamental.

### **Ouvi dizer que você é cinéfilo. Qual sua relação com o cinema?**

Minha relação com o cinema é brutal e fez toda a diferença pra mim. Assisto a filmes desde moleque. Aproveitava que, com 15 anos, eu já tinha um bigodinho safado e conseguia entrar nos filmes para maiores de 18 anos. Assistia e contava depois pra galera como era. Quando vi *O Exterminador do Futuro*, foi assim. Entrei no cinema com cara de mau.



## BNEGÃO EM TRÊS MOMENTOS



■ *Correndo Atrás* (2017). Direção: Jeferson De.  
Direção e produção musical: BNegão



■ *Rio 50 Graus* (2014). Direção: Julien Temple.  
Trilha: "Rio 50 Graus" BNegão

FOTOS: DIVULGAÇÃO



■ *Amarelo Manga* (2002). Direção: Cláudio Assis.  
Trilha: "Amarelo Manga" Otto e BNegão

### O que você assiste no cinema?

Gosto de tudo. Vejo desde cinema arte, até cinema pipoca. Não tenho preconceitos. Um dos filmes que mais me amarro e me emociono é *Kiriku*. Tenho em casa a fita VHS desse desenho e vi quando estreou no cinema no Brasil. Assistia muito a filmes na Estação Botafogo, que era o lugar de encontro da galera. Na minha turma, grande parte se encontrava na frente desse cinema, que era referência cultural, e eu já estava ali com 13 anos de idade, 100% envolvido. Sempre gostei de ir ao cinema, mas, quando pude ir sozinho, fui selecionando melhor o que assistir.

### De lazer a trabalho. Como é produzir trilha sonora para cinema?

É demais. Para mim, a música funciona como a trilha sonora da vida. Quando estou andando em algum lugar, naturalmente a música se pede, fico imaginando ela. Então, levei isso para alguns trabalhos que fiz. Comecei com a trilha de um média-metragem dirigido pelo Silas Andrade, a primeira filmagem dos moleques lá no morro antes de fazerem o filme *Cidade de Deus*, da Katia Lund e do Fernando Meirelles. Fiz também a trilha do documentário *Rio 50 Graus*, do Julien Temple, que é mestre e gosto para caramba. Agora, estou felizão, porque estou fazendo a trilha sonora para um filme do Jeferson De, que se chama *Correndo Atrás*, com o roteiro baseado no livro do Hélio de la Peña. Quero produzir uma trilha para marcar tanto quanto o filme, e independente do filme. O Jeferson é um cara musical e dá pra trocar experiências legais. Já tínhamos tentado fazer um trabalho antes, que não rolou por causa das agendas, e aí ele me convidou pra esse. Está com cara de que vai ser bem maneiro. Estreia no ano que vem.

### Você já pensou em atuar ou dirigir?

Já me chamaram para atuar, mas recusei. Particpei como coautor de roteiros e codiretor. Qualquer hora pode rolar uma direção só minha. Eu penso muito na vida com esse olhar. Mas pra mim seria mais fácil dirigir um clipe. ●

# Do *Homo Sapiens* ao *Homo Videns*

Carlos Juliano Barros é jornalista, documentarista e mestre em Geografia Humana, pela Universidade de São Paulo. Um dos fundadores da ONG Repórter Brasil, dirigiu os documentários *Entre os Homens de Bem*, *Carne Osso - O Trabalho em Frigoríficos* e *Jaci - Sete Pecados de Uma Obra Amazônica*

por Carlos Juliano Barros foto Gabriel Garcia Marengo

Assim que foi sacramentada a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, o Twitter da cultuada série *Black Mirror* - da Netflix - publicou um post que, como não poderia deixar de ser, viralizou rapidamente nas redes sociais: “Isto não é um episódio. Isto não é marketing. Isto é realidade”.

Célebre por seus deploráveis comentários machistas e xenófobos, diametralmente opostos a qualquer princípio identificado com a causa dos direitos humanos, Trump não poderia passar batido aos realizadores desta série que problematiza, com qualidade bem acima da média, o impacto da tecnologia sobre nossas vidas.

A ascendência de *Black Mirror* - e de outras produções do gênero - sobre seus fieis públicos permite afirmar, sem medo de ser feliz, que o audiovisual é a expressão cultural e artística por excelência do nosso tempo. Ele não marca presença apenas na internet, seu habitat preferido, mas também está nos museus, nas salas de aula, nos eventos esportivos.

Em outras palavras, o espírito da nossa época está completamente impregnado da necessidade de construir e veicular imagens que, não raro, nascem e se exaurem num piscar de olhos. Não por acaso, o pensador italiano Giovanni Sartori brinca com a existência de uma nova espécie

humana na linha evolutiva: passamos do *Homo Sapiens* para o *Homo Videns*. Ou seja, nos metamorfoseamos do “ser que sabe” para o “ser que vê”. Hoje, é impossível conceber qualquer transmissão de conteúdo eficaz e massiva que não contenha um suporte em vídeo.

Localizemos, então, essa discussão no Brasil, onde os anos mais recentes (e pra lá de conturbados!) mostram como as políticas de promoção dos direitos humanos andam de mãos dadas com a popularização da tecnologia audiovisual - uma relação que também desperta intensos conflitos de interesses.

Um dos casos mais emblemáticos é o do programa “Escola Sem Homofobia”, nascido e abortado no ano de 2011, ainda no governo de Dilma Roussef. Para quem não se lembra dos detalhes, o projeto consistia na distribuição de materiais didáticos e de uma série de vídeos, coordenados pelo Ministério da Educação, com o objetivo de combater preconceitos contra a comunidade LGBT nas escolas brasileiras.

O programa foi injustamente acusado de fazer “apologia à homossexualidade” nas salas de aula e despertou forte reação da bancada religiosa e conservadora que já naquela época avançava a passos largos no Congresso Nacional. Dessa maneira, uma promissora

política de respeito a minorias foi sumariamente interrompida com base em dogmas cristãos obscurantistas.

Mas esse foi apenas o começo de um dos capítulos mais turbulentos da nossa história. De 2011 para cá, uma verdadeira primavera de movimentos - não só da comunidade LGBT, mas também de negros e de mulheres - se consolidou na luta por direitos humanos básicos no Brasil, ao mesmo tempo que também se fortaleciam grupos políticos que se autointitulavam conservadores.

O resultado é conhecido por todos: o país virou de cabeça para baixo, com manifestações e conflitos explodindo nas ruas e nas redes sociais. Na esteira destes tempos tão belicosos, inúmeras campanhas nasceram - pelo direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, pelo fim do machismo e da cultura do estupro, pelo combate ao racismo e pelo respeito às religiões africanas. Numa velocidade jamais vista na história da huma-

nidade, timelines foram inundadas com vídeos e animações contendo todo tipo de informação: de denúncias de abusos policiais a pedidos de colaborações para filmes identificados com a causa LGBT.

Sem sombra de dúvida, não há nada mais contemporâneo do que a relação umbilical entre os direitos humanos e o mundo do audiovisual. Evidentemente, este não é um fenômeno que acontece apenas no Brasil. A profusão de vídeos dedicados a rebater as barbaridades ditas por Donald Trump, por exemplo, mostra que o principal cavalo de batalha contra as ideias medievais que ainda teimam em assombrar a humanidade é mesmo o audiovisual. Até porque, mais do que expressão cultural e artística, ele também é a fonte de informação primordial dos nossos tempos. E, tendo em vista o nebuloso futuro próximo que aguarda o planeta, só nos resta torcer para que sejamos hábeis na edição de sons e imagens que abram a cabeça das pessoas. ●





## dia 03, 15h30

**MARINA NÃO VAI À PRAIA.** Especial Curta. Direção: Cássio Pereira dos Santos. Classificação: Livre. Marina sonha conhecer a praia. Quando sua irmã decide viajar ao litoral para comemorar sua formatura, a garota vê a oportunidade de realizar seu sonho. Premiado no ComKids Prix Jeunesse Ibero-americano, o curta é exibido no Dia Internacional da Pessoa com Deficiência e integra a programação da Semana Inclusiva 2016.

## dia 13, 22h

### **AO REI DO BAIÃO: HOMENAGEM A LUIZ GONZAGA**

Música. Direção: Juliana Borges. Classificação: 12 anos.

Nascido em 13 de dezembro de 1912, Luiz Gonzaga desde criança tocava e cantava com seu pai em festas e feiras de Pernambuco. Quando, anos mais tarde, se mudou para o Rio de Janeiro, passou a se apresentar em diversos programas de rádio e se tornou o principal responsável pela popularização da música nordestina no país. Em comemoração ao seu aniversário, o SescTV exibe o show em homenagem ao Rei do Baião, com participação de Fagner, Lirinha, Otto, entre outros.

## dia 01, 21h10

### **COMERCIAL F.C - A EQUIPE FANTASMA**

Cores do Futebol. Direção: Ugo Giorgetti. Classificação: Livre.

Eternizado apenas em álbuns de figurinhas e em raras fotos de jornal, o Comercial F.C. era um time sem estádio, campo de treinamento e torcida. Extinto em 1961, foi um dos clubes fundadores da Federação Paulista de Futebol. Sua trajetória é narrada no curta-metragem exibido este mês na programação do canal. A produção também foi exibida no Museu do Futebol, em São Paulo, na ocasião do 7º CINEfoot, a convite do festival.





## dia 01, nos intervalos

### CARTAZ HIV POSITIVO

Documentário. Direção: Pedro J. Duarte. Classificação: Livre.

Celebrado em 1º de dezembro, O *Dia Mundial de Luta contra Aids* foi criado em 1987 pela Assembleia Mundial de Saúde, junto à Organização das Nações Unidas. Ao longo do mês, o SescTV exibe a campanha *Cartaz HIV Positivo*, que revela as reações das pessoas na rua diante de um cartaz impresso com sangue de voluntários soropositivos. Promovida pela ONG Grupo de Incentivo à Vida, a produção teve repercussão internacional e ganhou o prêmio Leão de Bronze no Festival de Cannes.

## destaques 2016

### MAIS ACESSADOS NAS MÍDIAS SOCIAIS

Música. Verifique a classificação. Em 2016, diversos espetáculos musicais nacionais e internacionais tiveram destaque nas mídias sociais do SescTV. Entre os mais acessados estão os shows Charles Bradley (5/12), Céu em Catch Fire (12/12), Tributo a Oscar Castro Neves (19/12) e Shaggy (26/12). As apresentações serão reexibidas dentro da retrospectiva do canal.



FOTOS: ALEX RIBEIRO / VISOR MAGICO



**SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**  
Administração Regional no Estado de São Paulo

**PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL**  
Abram Szajman

**DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL**  
Danilo Santos de Miranda

A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social.

Distribuição gratuita.

Ninguém está autorizado a vender anúncios.

#### COORDENAÇÃO GERAL

Ivan Giannini

#### SUPERVISÃO GRÁFICA

Hélcio Magalhães

#### REDAÇÃO

João Cotrim

#### EDITORIAÇÃO

Thais Mendes

#### REVISÃO

Marcelo Almada

#### PROJETO GRÁFICO

Marcio Freitas e Renato Essenfelder

#### REVISTA DIGITAL

Ana Paula Fray e Marilu Vecchio



#### DIREÇÃO EXECUTIVA

Valter Vicente Sales Filho

#### DIREÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Regina Gambini

#### COORDENAÇÃO DE PROGRAMAÇÃO

Juliano de Souza

#### COORDENAÇÃO DE ADMINISTRAÇÃO

Carlos Padilha

#### COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO

João Cotrim

#### DIVULGAÇÃO

Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

#### ESTAGIÁRIA

Tatiana Maria Soares

Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vivo a programação do SescTV



Assista também pelo site [sesc.tv.org.br/aovivo](http://sesc.tv.org.br/aovivo)

Acompanhe o SescTV: [sesc.tv.org.br](http://sesc.tv.org.br)



/sescTV



Baixe grátis essa e outras publicações do Sesc São Paulo disponíveis em



Envie sua opinião, crítica ou sugestão para: [atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br](mailto:atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br)

Leia as edições anteriores em: [sesc.tv.org.br](http://sesc.tv.org.br)

Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado



# CORUMBIARA

13/1, sexta, às 23h



Foto: Divulgação



/SESCTV

Assista online:  
[sesctv.org.br/aovivo](http://sesctv.org.br/aovivo)